



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

ÓRGÃO DA TENDÊNCIA PELO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL
ANO VII - Nº 103 - 2ª QUINZENA DE JANEIRO DE 1996 - SOLIDÁRIO: R\$ 1,00 - NORMAL: R\$ 0,50

**Não à traição das
direções sindicais**

**Abaixo o acordo
que destrói a
aposentadoria
por tempo de serviço**



**Que a CUT e os sindicatos convoquem
assembléias para os trabalhadores
lutarem em defesa da aposentadoria**

Por uma greve geral por tempo indeterminado!

**Que o representante do imperialismo
não coloque seus pés de sangue dos oprimidos
em nenhum assentamento do MST**

Fechado o acordo com o governo para acabar com a aposentadoria por tempo de serviço

Direção da CUT, Força Sindical e CGT traem os trabalhadores

A Central Única dos Trabalhadores havia dito que não aceitava o fim da aposentadoria por tempo de serviço e a adoção do critério de contribuição de 30 e 35 anos. Já havia marcado, em acordo com a Força Sindical de Medeiros, uma manifestação para o dia 30. Ontem, no dia 16/janeiro, as Centrais fecharam o acordo de acabar com a aposentadoria por tempo de serviço. Consumou-se, finalmente, a traição da burocracia sindical reformista unida à direitista Força Sindical. Trata-se de um golpe brutal sobre o conjunto dos trabalhadores, cuja finalidade é a de proteger o Estado burguês em crise e os capitalistas que sugam o sangue do povo.

Os burocratas vendidos já fizeram inúmeras pequenas traições. Agora, chegam ao ponto de auxiliar a burguesia opressora e o governo pró-imperialista de FHC a implantar uma medida que sacrifica a maioria explorada, que vai dos operários aos camponeses. Ao invés de preparar um grande movimento nacional para barrar tal violência e para derrubar o Plano antinacional e antipopular do governo, os burocratas se utilizaram dos organismos dos explorados para em seus nomes aceitarem a quebra da aposentadoria por tempo de serviço.

Os operários, os camponeses e a classe média empobrecida das cidades devem dizer não ao acordo antipopular. Devem rechaçar a traição e os traidores. É dever de todo trabalhador consciente, da vanguarda combativa dos movimentos e das correntes de esquerda lançarem a bandeira de convocação imediata de assembléias em todos os sindicatos e de uma plenária nacional de emergência da CUT para denunciar a traição e aprovar medidas de luta para pôr abaixo o acordo anti-operário.

Em defesa da aposentadoria por tempo de serviço!

Abaixo com a contribuição dos 30 e 35 anos!

Abaixo com a regulamentação contrária aos interesses dos camponeses minifundiários e semi-proletários!

Abaixo a quebra do direito de aposentadoria especial aos professores universitários!

Abaixo a quebra do direito dos servidores públicos de terem aposentadoria integral!

Em defesa da aposentadoria por tempo de serviço de 25 e 30 anos para todos os trabalhadores, sem exceção! Aposentadoria integral para todos!

Que os capitalistas arquem com a aposentadoria dos explorados!

Que a Previdência seja colocada sob o controle dos sindicatos e que sua direção seja eleita diretamente pelas massas, com revogabilidade de mandato!

Que nenhum trabalhador tenha de gastar mais energia a partir dos 50 anos!

Chega de produzir tanta riqueza para a burguesia nacional entregar aos banqueiros imperialistas e aos sangue-sugas da dívida interna!

Chega de tanto trabalhar para o governo esbanjar com latifundiários e toda sorte de capitalistas parasitários! Chega de tanta corrupção!

Em defesa da vida de todos os oprimidos!

Trabalhadores, a quebra da aposentadoria por tempo de serviço é apenas um dos ataques às massas e à economia nacional.

Esse mesmo governo reacionário quebrou o monopólio estatal do petróleo, telecomunicações e de minérios. Esse mesmo governo tem aberto a economia para os poderosos grupos imperialistas, que não têm a mínima preocupação em demitir milhares e milhares. Esse mesmo governo tem aumentado brutalmente os impostos, que recaem sobre a população. Esse mesmo governo tem pago bilhões de dólares para os credores internacionais. Esse mesmo governo tem sucateado a saúde e a educação públicas. Esse mesmo governo sustenta uma política econômico-financeira recessiva e de proteção aos grandes capitalistas, enquanto para as massas estão reservados o salário de fome, o desemprego, o aumento do ritmo de trabalho e agora a destruição do que há de mais elementar, a aposentadoria por tempo de serviço.

Tudo isso acontece porque o capitalismo está em desintegração e a burguesia para mantê-lo tem de descarregar todas suas desgraças nas costas dos oprimidos. A burocracia vendida não apenas traiu assinando o acordo da reforma reacionária da aposentadoria, mas também tem traído ao sustentar integralmente o Plano antinacional e antipopular de FHC. A quebra da aposentadoria vem apenas coroar uma sequência de traição pró-imperialista, que coloca toda essa camarilha de dirigentes sindicais aproveitadores do lado do imperialismo e do grande capital nacional.

Não há outra saída para os explorados senão compreender essa dura lição e se levantar unitariamente contra o governo e a burocracia sindical corrompida que o apóia. O POR defende junto aos trabalhadores a constituição de uma Frente Revolucionária Antiimperialista, que aglutine a maioria explorada para derrotar o Plano FHC e expulsar o imperialismo, que pisoteia a independência nacional do Brasil. Defendemos que diante desse monumental ataque às condições mais elementares de existência das massas, se convoque uma greve geral por tempo indeterminado.

Sabemos que vocês perguntarão, quem iria convocar essa greve contra o governo se as Centrais acabam de trair os interesses dos oprimidos? Estão certos em fazer essa indagação. A resposta a ela é muito importante. Devemos começar por denunciar os traidores por todos os cantos e reivindicar desde as fábricas a convocação de assembléias sindicais e de uma plenária nacional de base da CUT. Está aberta essa campanha. Utilizemos todos os nossos meios possíveis. Façamos reuniões nas portas de fábricas e locais de trabalho. Façamos propaganda e agitação nos movimentos populares. Façamos uma petição a ser assinada pelos trabalhadores contra o acordo e pela convocação das assembléias. Exijamos que todas as correntes que se reivindicam da classe operária se unifiquem para realizar essa grandiosa campanha. Essas são as tarefas do momento. Quem se esconder dela estará traindo os interesses dos oprimidos.

Defendamos nossas vidas!

Lutemos contra o capitalismo sob a bandeira de um governo operário e camponês (ditadura do proletariado)!

Abaixo o governo FHC e toda burocracia sindical que o sustenta!



1996:

Para onde vai a crise?

A crise do regime político, que implicou na crise dos sucessivos governos Sarney, Collor e Itamar (agora FHC), tem por trás a imposição do imperialismo sobre o país para que se aplique a política neoliberal e suas conseqüências, essencialmente a destruição de parte das forças produtivas. A política de abertura do mercado às mercadorias das multinacionais e capacitação do Estado para sustentar o parasitismo financeiro internacional através de privatizações, destruição dos serviços sociais públicos e reforma tributária e fiscal coloca em luta as diversas frações burguesas, sabedoras de que uma parte da burguesia irá quebrar em benefício do imperialismo. O governo FHC é resultado de uma aliança entre as principais frações burguesas do país, a oligárquica nordestina (que controla o parlamento e o judiciário) e a industrial paulista, para responder ao ascenso da candidatura da Frente Popular (Lula). O governo e o Estado burguês expressam assim as contradições do país semicolonial.

O plano Real foi criado para dar condições econômicas e políticas para que as frações burguesas negociassem as reformas constitucionais ditadas pelo imperialismo. Trata-se de um plano artificial, baseado numa paridade dólar/real construída através de uma enxurrada de dólares que tomou o país, causada pelas altíssimas taxas de juros pagas pelo governo. Sujeta-se então ao capital mais volátil do planeta, aquele de aplicações de curtíssimo prazo, e que podem sair do país em poucos dias, causando crises como a que abateu o México no final de 1994. Com várias manobras, incluindo algumas concessões do imperialismo em relação à política de comércio exterior, o go-

verno manteve a inflação em baixa e conseguiu negociar a retirada de todos os obstáculos constitucionais referentes à ordem econômica do país (quebra dos monopólios estatais do petróleo, telecomunicações, eletricidade etc., fim da diferenciação em relação ao capital estrangeiro etc.).

Nos primeiros meses do plano, o governo conseguiu obter um crescimento da economia, baseado no aumento do consumo da classe média, que passou a retirar o dinheiro da poupança e deixar de fazer novos depósitos. Esgotado o consumismo anteriormente contido, o plano mostrou todo seu conteúdo recessivo, abatendo a economia com a queda do consumo, falências e concordatas, crise bancária causada pela inadimplência industrial e, o pior para as massas, aumento do desemprego e maior queda salarial. No segundo semestre de 1995, as medidas recessivas paralisaram a economia e as reformas fiscal, tributária e da previdência e mesmo as privatizações encontraram forte resistência de setores burgueses, especialmente os oligárquicos. A paralisia do governo e as pressões burguesas abriram caminho para a crise do governo, com as denúncias de corrupção sendo utilizadas pelas frações capitalistas como pontos de barganha nas disputas interburguesas. Os casos Sivam, a crise bancária, a Pasta Rosa etc. indicam o agravamento das fricções entre os grupos que compõem o próprio governo, já que a oposição reformista está completamente paralisada e comprometida com o governo.

O movimento operário, apesar de mostrar disposição de luta, encontra na burocracia sindical um obstáculo terrível. A quebra da greve dos petroleiros, a divisão das

greves seguintes, o enterro das campanhas salariais e finalmente os acordos de jornada flexível mostram a tendência geral de conciliação de classes desenvolvida pelo reformismo dirigente da CUT e dos sindicatos. O movimento camponês tem desenvolvido ocupações por todo o país. Suas frações mais radicais levantam a resistência armada e confrontam-se com a repressão governamental e privada. A direção reformista do MST aplica a política de pressão pelos assentamentos e ocupações sem resistência. Também no campo o reformismo é o principal obstáculo para a luta antigovernamental.

A saída para a situação depende da luta nacional de massa contra o plano neoliberal. Construir a Frente Revolucionária Antimperialista. Rechazar a política de colaboração de classes do reformismo. Propagandar os Tribunais Populares como forma de responder à podridão capitalista. Formar comitês contra a opressão social e política, para responder à repressão seletiva governamental e privada. Construir o partido operário revolucionário.

Nacional



ESCREVA PARA O JORNAL MASSAS

O JORNAL QUE DEFENDE A REVOLUÇÃO E A DITADURA DO PROLETARIADO

CAIXA POSTAL Nº 01171 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO

NO NORTE E NORDESTE ESCREVA PARA

CAIXA POSTAL Nº 221 - FORTALEZA - CEARÁ - CEP 60001-970

CAIXA POSTAL Nº 2768 - CEP 59022-970 - NATAL - RN

Cresce o exército de desempregados no Brasil

A resposta é: unir empregados e desempregados contra os patrões e seu governo

Nacional



Logo no primeiro mês de ano já anunciam mais demissões. Somente a Villares demitirá metade dos operários de sua fábrica do ABC. A empresa fechará uma parte da produção de sua unidade de São Caetano e a transferirá para o interior. As montadoras reúnem 114.900 trabalhadores, ou seja, o menor nível de emprego dos últimos 26 anos. Em 1973 as indústrias automobilísticas empregavam 106.427 trabalhadores e produziam 750 mil unidades. Enquanto que no ano passado, com quase o mesmo número de operários, produziram 1,635 milhão de veículos. Este ano, há uma previsão de se produzir 16% mais do que em 1995, com o menor número de operários.

Eis aqui as razões do desemprego: algumas fábricas fecham as portas, outras introduzem tecnologia e todas ampliam a superexploração do trabalho. Os grandes capitalistas, para manter seus lucros, demitem, trocam as empresas de lugar, introduzem máquinas mais modernas e procuram produzir mais sempre com menos mão de obra. Os operários, que dão o sangue na produção, são os que pagam as consequências da crise econômica. A quebra de fábricas nacionais, fruto da abertura de mercado às importações e a "modernização"

das empresas têm o mesmo efeito para os trabalhadores. Em ambos os casos, o resultado é a demissão.

Enquanto os patrões se organizam para enfrentar a crise capitalista, os trabalhadores ainda permanecem isolados em sua luta de resistência contra o arrocho salarial e as demissões. Suas direções sindicais, com diferenças de graus entre a CUT e a Força Sindical, procuram a via dos acordos com o patronato e o governo. A colaboração chega a tal ponto que Vicentinho (Presidente da CUT) declarou recentemente: "Tivemos algumas coisas muito importantes e inovadoras. Pela primeira vez conseguimos unir a sociedade - empresários incluídos - contra a política econômica(...) Isso foi inédito, abriu caminho para o futuro". Como combater o desemprego e o brutal arrocho, impostos pela política econômica, unindo trabalhadores e patrões? Desses acordos só saíram "as demissões voluntárias", a "flexibilização da jornada" e a manutenção dos baixos salários e toda sorte de desgraças para a classe operária.

A luta contra o desemprego é central para defender a vida dos oprimidos. Justamente porque o capitalismo em desintegração não tem outra solução senão demitir em massa e inchar o exército crônico de desempregados, é que a luta contra o desemprego tem de ser dura, violenta. O que quer dizer isso? Quer dizer que é preciso um movimento unido de empregados e desempregados, que saia às ruas, bloqueie as passagens, ocupe fábricas e organize poderosas greves.

Devemos dizer: capitalistas opressores não queremos mais o flagelo do desemprego. Não queremos mais morrer de fome. Não queremos mais que famílias inteiras sejam jogadas nas ruas. Contra tudo isso, exigimos a redução da jornada de trabalho para 6 horas, sem reduzir um centavo do salário. Exigimos que nenhum trabalhador fique sem uma fonte de sustentação. Emprego a todos! Capitalistas opressores, também não queremos mais viver na miséria com esse salário de fome. Exigimos o salário

mínimo real. Sua economia vive em crise, embora nós operários produzimos montanhas de mercadorias. Capitalistas opressores, exigimos a implantação da escala móvel dos salários. Que eles sejam reajustados automaticamente de acordo com a inflação. Emprego e salário são a única fonte de existência dos trabalhadores, cuja única propriedade que temos é nossa força de trabalho. Vocês capitalistas, compram essa força a preço de banana e a explora para produzir as montanhas de riqueza. O que nos resta é um salário desgraçado. E, quando a crise de sua economia se agrava, vocês nos demitem e nos arrancam a força nossa única fonte de vida. Não existe maior violência contra o homem do que lhe tirar aquilo que o mantém vivo. Vocês parasitas não trabalham, vivem do trabalho alheio de milhões de oprimidos. Vocês uma minoria ficam com toda riqueza, tem casas luxuosas, passeiam pelo mundo inteiro e esbanjam uma fábula com besteiras. Capitalistas parasitas, se vocês não podem nos manter vivos e com saúde, apenas demonstram que seu sistema econômico que nos explora deve ser destruído pela revolução proletária.

Pois bem, companheiros essa deve ser nossa determinação, sem a qual os capitalistas continuarão destruindo postos de trabalho e arrojando os salários. Temos um obstáculo pela frente que é a burocracia sindical. Devemos dizer igualmente: burocratas vendidos, não aceitamos mais seus acordos de "flexibilização", de "demissão voluntária", de fechamento de postos de trabalho e de redução dos salários. Burocratas vendidos, saiam de nossa frente. Vamos ocupar as fábricas, exigir do governo e dos patrões nossas reivindicações. Burocratas vendidos, vocês são parasitas de nossos sindicatos. Vocês não sabem o que é enfrentar o desemprego e a miséria. Varreremos todos vocês, para defendermos o caminho certo da humanidade que é a nossa revolução contra os capitalistas.

Que o representante do imperialismo não coloque seus pés de sangue dos oprimidos em nenhum assentamento do MST

O Estado de São Paulo publicou a notícia de que "o governo dos Estados Unidos está interessado em conhecer o funcionamento do Movimento dos Sem-terra (MST) do Brasil". O vice-cônsul norte-americano, Grant Deyoi, acertou com a direção do MST uma visita ao assentamento da Fazenda Pirituba (SP). Segundo a informação, a "visita" deveria ter ocorrido na primeira semana de janeiro, mas foi adiada na última hora. Os dirigentes do MST já tinham até preparado uma recepção ao vice-cônsul norte-americano.

Qual o interesse do representante do imperialismo norte-americano em estabelecer relação com o MST? Qual é o interesse do MST na visita do vice-cônsul? Qual é a importância desse fato para os camponeses pobres que lutam pela terra?

O representante do imperialismo está preocupado com duas coisas: 1) Que a luta camponesa pela terra tem de se agravar e que os camponeses se dirigem a se chocar abertamente contra o governo dos latifundiários; 2) Que a solução dos assentamentos pode ser uma válvula para desviar momentaneamente a luta camponesa contra a estrutura latifundiária. Esses dois problemas levam a um outro. A ampliação da luta dos sem-terra conduzirá os camponeses a se aproximarem da luta da classe operária. Essa aproximação resultaria na solução de um problema dos explorados, que é a necessidade de se organizar a aliança operária e camponesa para enfrentar a agudização da crise capitalista e avançar as condições sociais e políticas para a revolução proletária. Esse caminho da luta de classes está em total contradição com os interesses do imperialismo norte-americano e das demais potências opressoras. Os estrategistas das potências sabem muito bem que a luta camponesa pela terra nos países semicoloniais conduz necessariamente as massas oprimidas do campo a apoiar a revolução proletária, que modificará a base econômi-

ca do país (expropriação e coletivização dos meios de produção) e permitirá a entrega das terras aos camponeses. Está aí a essência da visita. O representante do imperialismo pretende traçar uma ação contra o caminho da luta generalizada pela terra e contra o caminho da aliança operária e camponesa.

Vejam o interesse do MST. A direção dos sem-terra não está disposta a alastrar o movimento de ocupação e confrontar as massas camponesas com o governo dos latifundiários. A meta das ocupações localizadas em vários pontos do país é de conseguir do governo o assentamento de cerca de 40 mil famílias, quando existem milhões de camponeses e semi-proletários vivendo na mais absoluta miséria nos minifúndios. Justamente porque não pretende uma luta generalizada dos camponeses é que restringe as ocupações às chamadas terras improdutivas ou do Estado. O objetivo estratégico do MST, portanto, não é o de destruir os latifúndios e derrotar o poderio de um punhado de oligarcas, donos de vastos domínios. Se o MST objetivasse entregar as terras aos camponeses teria de se voltar contra o próprio governo. Isso implicaria trabalhar pela unidade operária e camponesa, sem a qual não poderia derrotar os latifundiários. Somente em palavras o MST canta o hino da aliança operária e camponesa. O seu verdadeiro programa é de reforma limitada, que só serve para amenizar um pouco a crise social no campo e manter em pé a velha estrutura latifundiária de opressão sobre os camponeses. Já é possível compreender qual é o interesse da direção do MST na "visita" do representante do imperialismo. Acredita que poderá contar com a compreensão dos maiores sanguinários do mundo. Há um problema essencial na estratégia do MST: a sua direção tem de provar economicamente e socialmente que o assentamento é viável. Ou seja, que é possível os assentamentos conviverem em harmonia com os latifúndios e sobre um governo de

ditadura da burguesia sobre o povo.

Os milhões de minifundiários estão aí para mostrar que o problema não está em ter um pedaço de terra. A estrutura capitalista os esmaga. A idealização reacionária de acampamentos coletivos no interior do capitalismo, que lembra a tese anarquista e que está de acordo com a falsificação da esquerda católica do coletivismo apenas em algumas áreas agrárias, se evapora diante da dura realidade do capitalismo e da opressão de classe. Porém, existem alguns assentamentos que são apresentados como "modelo" e vitrina da tese do MST. Tem-se propagandeado a relação comercial estabelecida entre tais assentamentos e empresários europeus, que compram a produção dos assentados. A burguesia se mostra orgulhosa do MST quando este exporta chá para a Alemanha e adota uma marca comercial chamada "produtos da terra". No entanto, essa vitrina acoberta o fracasso da maioria dos assentamentos. E acoberta que esse fracasso se deve justamente não só à impossibilidade do Estado burguês auxiliar os camponeses pobres como fundamentalmente à impossibilidade de produção camponesa na estrutura latifundiária capitalista.

E qual o interesse do camponês pobre

Nacional



com a visita do vice-cônsul? Nenhuma. É incompatível às necessidades dos pobres do campo com os exploradores do mundo inteiro. Em todo lugar em que os camponeses se levantaram contra os latifundiários, o imperialismo saiu em socorro do Estado e das oligarquias, sufocando as reivindicações dos trabalhadores agrários através das armas e do derramamento de sangue. A burguesia imperialista tem as mãos e os pés manchados do sangue camponês. Basta que um trabalhador se pergunte de que lado está a burguesia imperialista, dos camponeses ou dos latifundiários

brasileiros. A pergunta chega ser até tonta. Mas serve para mostrar até que ponto a direção do MST a ignora. O verdadeiro interesse dos camponeses é ter a terra. Mas para tê-la terá de arrancá-la da classe social que é dona dos meios de produção. As terras são partes dos meios de produção, ou seja, parte das fábricas, ferramentas etc. Para arrancá-las da classe burguesa terá de se contrapor frontalmente aos latifundiários e ao Estado. Compreendendo isso é que vemos que o verdadeiro interesse e necessidade dos camponeses não pode ser resolvidos pela burguesia que domina o Estado. Assim, os assentamentos são um engano.

Como devemos nos posicionar diante da visita do representante do imperialismo? Devemos desde as bases camponesas e desde as fábri-

cas dizer: Que o representante do imperialismo não coloque seus pés manchados de sangue dos oprimidos do mundo todo em nenhum assentamento. Fora o vice-cônsul! Pela aliança operária e camponesa! Por uma Frente Revolucionária Antiimperialista, sob a direção da classe operária, para emancipar o Brasil da opressão imperialista, para entregar as terras aos camponeses, expropriar as grandes empresas capitalistas, colocar os meios de produção nas mãos dos trabalhadores e lutar por um governo operário e camponês, que realizará as transformações econômicas pela via revolucionária das massas. Para isso, é preciso organizar uma fração revolucionária no campo, capaz de desenvolver a política proletária no movimento camponês.

Nacional

CORRUPÇÃO é a marca do governo e do senado

Após uma conversa com o inimigo do povo FHC, o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), acionista do Banco Econômico, prometeu não criticar mais o famigerado projeto SIVAM, com o qual o imperialismo norte-americano pretende extorquir 1,4 bilhão de dólares do Brasil.

Por detrás dessas atitude do senador ACM, está a troca de favores entre o governo FHC e a oligarquia baiana em torno do destino do Banco Econômico. No dia 5 desse mês, fecho-se o acordo para a venda do Banco Econômico ao Excel, no qual o Banco Central assumiu o prejuízo de quase 3 bilhões de dólares, que será transferido para as costas dos trabalhadores. Assim, todos saíram ganhando às custas da maioria nacional oprimida, o imperialismo norte-americano, o governo antinacional e antipopular de FHC e a oligarquia baiana.

Essa transação suja vem apenas confirmar a tendência de aprovação do projeto SIVAM pelo senado. A própria Raytheon, empresa lanque escolhida sem licitação para implantar o SIVAM, está montando um lobby para tentar convencer

os senadores a aprovar o empréstimo ao projeto, ou seja, está distribuindo "alfaces" (dólares) e outros benefícios aos parlamentares em troca de nossa soberania nacional.

Para os explorados e oprimidos, essa é mais uma lição sobre a essência do Estado burguês. O governo (Poder Executivo) e o Senado (Poder Legislativo), pelo que demonstra os fatos, não passam de instrumentos nas mãos da burguesia nacional e do imperialismo para manter e ampliar seus privilégios. A corrupção é própria do capitalismo, que se baseia na exploração da maioria por uma minoria de parasitas.

Por isso, para o trabalhador consciente, o objetivo deve ser a destruição do Estado burguês corrupto, e não sua "democratização", como pretendem os reformistas do PT e seus aliados. Apenas a luta unificada dos operários, camponeses e o conjunto da classe média arruinada, sob a estratégia da revolução e ditadura proletária e contra a ofensiva neoliberal, pode conduzir com eficácia a luta contra a corrupção burguesa.

Obras Completas de Guillermo Lora

Já foram publicados os 8 primeiros volumes, sendo que já os temos no Brasil.

A obra trata do desenvolvimento do movimento operário boliviano e internacional e da construção do partido revolucionário, desde a década de 40.

Adquira com o distribuidor deste jornal.



A Reforma de Ensino de Covas

Demissão de Professores, Funcionários e fechamento de escolas

O governo do PSDB vem impondo a reforma na educação. Primeiro, demitiu quase 500 professores com a tal avaliação probatória. Depois, dividiu as escolas de 1ª a 4ª séries; de 5ª a 8ª e de segundo grau. Por fim, determinou o fechamento de boa parte das escolas de segundo grau diurno. Sem dizer que algumas delas foram extintas.

Com a divisão e fechamento de escolas, os professores foram obrigatoriamente deslocados. Estes, além de serem compulsoriamente transferidos, estão sujeitos ao aumento da exploração do trabalho. As classes serão superlotadas, o salário é o mesmo (200 reais por 20 horas semanais) e uma jornada de trabalho maior.

A tática de Covas é jogar uma parte do professorado (aqueles que terão aulas) contra os que serão expulsos do magistério por falta de aulas. Para isso, promete para o futuro aos empregados um piso maior. Com isso, quer ganhar um setor da classe para poder colocar na rua os 60 mil professores. Reúne os professores do ensino básico em escolas separadas, com o falacioso argumento de que é para melhorar a qualidade do ensino. Isso é claro: reduzir a força social da classe.

Para os alunos, o governo reserva a disputa pelas vagas. Realizou um sorteio para escolher os alunos que poderão estudar na escola pública de segundo grau. Milhares jovens terão de se deslocar para

bairros distantes, o que por si só torna impeditivo para aqueles alunos que trabalham.

Como vemos, a essência da Reforma da Educação é ampliar a privatização do ensino. Trata-se de um objetivo estratégico que vem sendo imposto ao governo brasileiro pelo Banco Mundial. Os governadores reestruturam a rede escolar para atender tal objetivo. Com a reforma, Covas pretende municipalizar o ensino básico, ampliar as parcerias com as empresas e reduzir drasticamente o segundo grau. As consequências já são sentidas tanto por parte dos alunos quanto pelos trabalhadores em educação.

O mais grave de tudo isso tem sido a ausência da luta. A diretoria da Apeoesp continua com sua política de pressão parlamentar e de mandados judiciais (tanto para os professores que estão sendo demitidos quanto para os alunos sem escolas). Essa via só tem favorecido o governo, pois está com as mãos livres para continuar impondo a reforma. As entidades estudantis, nas mãos do PCdoB e MR-8, não movem uma palha no sentido de organizar a resistência dos alunos. Com essa conduta, a burocracia sindical e estudantil acabam colaborando com os governos na implantação da reforma neoliberal do ensino. O palavreado ocioso de que defendem a escola pública se desfaz diante de sua total paralisia. A diretoria da Apeoesp chegou ao extre-

mo de impedir que os professorado realizasse uma assembléia que pudesse organizar o conjunto da classe para se opor a reforma privatista do ensino.

Os professores devem exigir da Apeoesp a convocação imediata (fevereiro) de uma assembléia, com o objetivo de impedir o início das aulas. Não iniciar as aulas enquanto existir demitidos, enquanto existir alunos sem vagas, enquanto permanecer escolas fechadas e contra o engodo da divisão das escolas. Defendemos a greve como a única forma de derrotar a estratégia de Covas de privatização do Ensino. Porém, sabemos que a sua força dependerá da coesão da classe, da unidade com os alunos e com os setores oprimidos, fundamentalmente com a classe operária, aquela que fato responsável pela paralisação da produção.

Educação



Realizada a 2ª Conferência do POR

Nos últimos dias 13 e 14 de janeiro, em Diadema, o POR discutiu e aprovou suas Resoluções Políticas e Organizativas. Trata-se de um avanço na precisão da caracterização da situação política nacional e internacional, que arma politicamente a militância para a intervenção prática. As Resoluções Organizativas procuram expressar a assimilação crítica da experiência do POR boliviano e do Comitê de Enlace, e objetivam melhorar o funcionamento do partido.

Na discussão internacional, prevaleceu a questão do avanço da situação revolucionária na Bolívia, que tem importância fundamental para a luta de classes mundial e para o desenvolvimento de uma direção revolucionária mundial. Trata-se de fazer todos os esforços possíveis para que o desenlace seja favorável as massas em luta e a caminho da insurreição.

Os materiais aprovados podem ser adquiridos com o distribuidor deste jornal.

Os Primeiros Trotskistas no Brasil - IX

Continuamos a publicação dos textos de História do Trotskismo no Brasil, interrompida há algumas edições do Massas. No nº 99, mostramos o combate que os trotskistas desenvolveram, mesmo durante a repressão à fracassada tentativa estalinista de tomada do poder em 35, contra a política de zig-zags do PCB (até meados de 36 propunha ainda um governo que tomasse o poder através do putch, após o segundo semestre onde se iniciava a política da frente popular).

Neste número, veremos como as correntes se prepararam para as eleições presidenciais que deveriam ocorrer em 3 de outubro de 1937.



A Campanha Presidencial de 1937

Em 3 de julho de 1937, Getúlio Vargas nomeia, como Ministro da Justiça, José Carlos de Macedo Soares. Este procurou adotar medidas que permitissem a condução das campanhas eleitorais num aparente clima de liberdade democrática. Ordenou ao chefe de polícia Filinto Müller a libertação de 308 presos políticos que ainda não tinham culpa formada, ordens semelhantes foram dadas para os demais estados. Foi a chamada "macedada".

No agitado clima pré-eleitoral, Armando Sales de Oliveira renunciou ao governo de São Paulo em dezembro de 1936, para tornar-se presidente do Partido Constitucionalista, visando candidatar-se à Presidência da República. O PCB, temendo que Sales se transformasse numa segunda opção de Vargas, intensificou a propaganda através de cartas, abaixo-assinados, telegramas ao governo, contra esta possível aliança. Quando ficou evidente que a aliança entre Getúlio e Sales era impossível, o PCB iniciou negociação sobre sua própria aliança com o Armando Sales. Nesta o PCB votaria em Armando Sales em troca de seu apoio à legalização do Partido e à anistia aos envolvidos no levante

de 1935. Apesar de Sales concordar com as condições, preferiu adiar uma definição, temendo afastar os aliados conservadores. Isso demonstra como cada vez mais os estalinistas aprofundaram sua linha de subserviência a uma das frações capitalistas em disputa pelo comando do Estado.

Enquanto isto setores do Partido discutiam internamente a questão da aliança. Argumentavam que Sales era o responsável por muitas das medidas reacionárias, que muitos comunistas eram contra a aliança, mas que apesar disso não se deveria mudar a linha do Partido de se negociar com todos os grupos, inclusive com os partidos feudais-burgueses para enfrentar o fascismo, seu principal inimigo (*"Problemas da Posição do Partido ante a Sucessão Presidencial"*, Comitê Regional-SP do PCB). Outro documento desta polêmica mostrou as associações de Sales com o imperialismo inglês, mas afirmava que o PCB admitia que *"os agentes ingleses no Brasil, colocados em oposição à Getúlio, agente italo-germânico-nipônico, se dispunham sinceramente a favorecer uma linha democrática para recuperarem a influência"*, *"a oposição a Getúlio está condenada a ser democrática e antifascista, e em conseqüência, Armando oferece maiores possibilidades de democratização que a gente de Getúlio"* (*"Circular do Comitê Regional-SP"*, março de 1937). O desencanto com Armando aconteceu quando, no dia 21 de abril, proibiu um comício da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e na manhã seguinte foram divulgadas notícias do massacre dos presos políticos que tentavam fugir da *"Maria Zélia"*, fábrica de tecidos transformada em presídio.

Já Vargas preparava a candidatura de José Américo de Almeida. O Bureau Político do Comitê Central do PCB viu neste *"um político limpo e popular"*, mas advertiu que a imundície de Getúlio *"manchava sua candidatura"*.

Já os trotskistas brasileiros após, a libertação de Alvaro Paes Leme, em meados de 1936, Hilcar Leite, em abril de 37, Febus Gikovate, em maio e Barreto Leite, em julho, auxiliam

Pedrosa na formação do Partido Operário Leninista (POL). A estes se somam os irmãos Inês e Marino Besouchete. Aristides Lobo retorna o contato com o grupo, passa a organizar o Partido em São Paulo.

O POL editou o livreto *"A Situação Nacional. Teses Aprovadas pelo Comitê Central Provisório do POL"*, em julho de 1937. Neste se analisou a candidatura de Armando Sales como representante da nova burguesia industrial e dos pequenos agricultores, fortes em São Paulo e no Rio Grande do Sul, que eram favoráveis à ampliação do consumo interno para beneficiar a indústria nacional, e que por isso esta candidatura estaria interessada *"em fazer o jogo das indústrias contra as massas"*. Por outro lado, analisou que Zé Américo representava a grande burguesia latifundiária do nordeste, que servia ao imperialismo ianque e que desejava utilizar o centralismo oficial para organizar as exportações de matérias-primas brasileiras. Concluindo que as duas candidaturas eram *"farinha do mesmo saco"*, que *"os trabalhadores não devem ter nada com nenhum dos dois"*. Comentou ainda que o ex-Partido Comunista adotou uma política que consistiu em decidir qual dos dois candidatos *"fariam promessas mais sedutoras"*, confiando em palavras ocas e na velha prática corrupta da social-democracia, cujo pensamento consiste em perguntar como fazer para não causar medo à burguesia. Apesar de admitir que *"Prestes não ser mais do que um pequeno caudilho delirante"*, ele fora transformado pela burguesia em seu principal inimigo, apesar do estalinismo procurar a todo custo quebrar esta pecha. Votar em Prestes, para o POL, nestas circunstâncias, seria *"reerguer a bandeira do comunismo"*, que o PCB e o próprio Prestes *"jogaram na lama"*.

Desta forma, enquanto o PCB se mostrava dividido entre o apoio entre Armando Sales e José Américo, os trotskistas se colocavam pela anticandidatura de Prestes.

No próximo artigo veremos o golpe de Getúlio Vargas (O Estado Novo) e a divisão do estalinismo.

LBI:

Um exemplo de oportunismo

A Liga Bolchevique Internacionalista (LBI), cisa sem princípios de Causa Operária, se autoproclama "uma corrente revolucionária e principista". Por isso, diz estar tendo um rápido crescimento nacional"(Luta Operária nº6), e marcha para uma fusão internacional com o Partido Bolchevique pela Quarta Internacional (PBCI) da Argentina.

Os acordos programáticos entre essas duas correntes (LBI/PBCI) se dão, em teoria, sobre dois pontos básicos: "defender incondicionalmente os estados operários contra a restauração capitalista e "enfrentar intransigentemente a frente popular"(LO nº5).

No entanto, a prática é bem outra. Vejamos num exemplo concreto, o golpe restauracionista de agosto de 1991 na URSS, a posição dessas duas correntes que se consideram as únicas herdeiras do bolchevismo na atualidade.

O PBCI chamou "a tomar o lado militar dos golpistas em agosto para aplastar Yeltsin"(LO nº3), ou seja, alioou-se militarmente com o "Comitê de Estado de Emergência", composto por vários elementos da

camarilha pró-capitalista de Gorbachov (Gennady Geanayev, Valentin Pavlov, Oleg Baklanov), que buscava sustar aluta das nacionalidades oprimidas e as liberdades conquistadas pelo proletariado, mantendo as reformas em direção a uma economia de mercado.

Já a LBI, em suas resoluções de fundação, tem uma posição totalmente oposta a do PBCI, e até, bem próxima a do marxismo. Criticando a Liga Comunista Internacional(LCI), grupo psudo-trotskista simpatizante do stalinismo, diz: "no golpe de agosto de 1991, na URSS, omitiram de seu programa qualquer denúncia do bloco dos oito como um setor também abertamente pró-capitalista da burocracia, não apontando uma saída operária independente diante dos restauracionistas de farda ou frente ao contra-golpe de Ieltsin"(LO nº 0).

O interessante é que a LBI "esqueceu" sua posição inicial, defendendo, hoje, intransigentemente, a do PBCI. E isso, sem nenhuma nova conferência ou autocrítica de sua posição anterior. Enquanto o

PBCI não fez crítica alguma às "vacilações" iniciais da LBI.

É aí que vemos como estão distantes, a LBI e o PBCI, de qualquer coisa parecida com o bolchevismo de Lênin e Trotsky, e quão próximos encontram-se dos métodos oportunistas de esconder as divergências e fazer conchavos, típicos do stalinismo. O marxismo-leninismo-trotskismo baseia-se na política principista e na crítica e autocrítica franca, únicos meios possíveis de reconstruir a Quarta Internacional.

Aliás, não será por isso que a LBI/PBCI sentem uma inevitável atração em "aliar-se militarmente" com os setores restauracionistas da burocracia stalinista.

Denúncia



Um desafio a LBI

Um dos pilares da política oportunista da LBI é a crítica à tática da Frente Revolucionária Antiimperialista (FRA). Para essa corrente sem princípios nem programa, "a FRA da T.POR não passa de uma frente popular que os poristas mudaram de nome" (LO nº6).

A verdade política e histórica, porém, é bem outra. A tática da FRA ou da Frente Única Antiimperialista não é uma invenção da T.POR, do POR boliviano ou do Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional, mas uma conquista programática do proletariado mundial, expressa nas Resoluções do IV Congresso da Internacional Comunista de Lênin e Trotsky. Baseada na distinção marxista entre países imperialistas(opressores) e países coloniais e semicoloniais(oprimidos), diz as Resoluções, " assim como a bandeira de frente única proletária tem contribuído e contribui no Ocidente para desmascarar a traição cometida pelos social-democratas contra os interesses do proletariado, assim também a bandeira de frente única antiimperialista contribuirá para desmascarar as vacilações e incertezas dos diversos grupos do nacionalismo burguês". Isto é, a tática da FRA tem a finalidade de arrancar aos outros

partidos (social-democratas, stalinistas, nacionalistas) os setores proletários, camponeses e da classe média arruinada, para o objetivo estratégico da revolução e ditadura proletárias, nos marcos de um país semicolonial como o Brasil, unificando, assim, a luta antiimperialista (contra a opressão nacional) com a luta anticapitalista (contra a exploração de classe).

O que a LBI estupidamente ignora, revelando o seu analfabetismo político, é a tese marxista da divisão entre países oprimidos e opressores. Ao negar a tática de FRA, própria dos países semicoloniais, esses falsos bolcheviques, que apoiam frações da burocracia restauracionista, são mais uma corrente na galeria do revisionismo, ao lado do morenismo (PSTU), do lambertismo (O Trabalho) e do altamirismo (Causa Operária).

Por isso, desafiamos a LBI a criticar as Resoluções do IV Congresso da Internacional Comunista, e a encontrar uma citação de Trotsky contra elas, aconselhando de antemão, a esses ignorantes pedantes, que poupem forças nessa tarefa impossível e procurem assimilar o marxismo.

Homenagem à Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht

Em 15 de janeiro de 1919, logo após ao término da primeira guerra mundial, Rosa Luxemburgo e K. Liebknecht foram assassinados pelo governo socialdemocrata alemão. Em janeiro de 1996 faz 77 anos desse crime contra dois grandes lutadores e dirigentes revolucionários.

Rosa Luxemburgo e K. Liebknecht continuam vivos na história do proletariado e nas idéias revolucionária de destruição de toda opressão de classe. São dois gigantes que souberam resistir à capitulação da II Internacional de Kautsky ao governo imperialista alemão. Souberam resistir porque assimilaram a fundo a doutrina do socialismo científico de Marx e Engels. E porque souberam aplicar tal ensinamento na luta viva do proletariado mundial contra o capitalismo em desintegração e bárbaro.

Viva Rosa Luxemburgo e K. Liebknecht!
Que morra o capitalismo, para nascer o socialismo!

Publicamos abaixo dois curtos discursos de Lenin em homenagem aos dois grandes revolucionários alemães. Nada melhor do que a homenagem feita pelos próprios operários revolucionários na Rússia na voz do destacado dirigente da Revolução Proletária, que é Lenin.

"Discurso no ato de protesto contra o assassinato de Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo

19 de janeiro de 1919

Beve Comunicado à imprensa

A burguesia e os socialtraidores estão hoje contentes em Berlim: conseguiram assassinar K. Liebknecht e Rosa Luxemburgo.

Ebert e Scheidemann, que durante quatro anos levaram os operários ao sacrifício no altar da exploração, assumiram agora o papel de verdugos dos dirigentes proletários. O exemplo da revolução alemã demonstra que a "democracia" não é mais do que um disfarce dos bonecos



da burguesia e da mais selvagem violência.

Morte aos verdugos!

Discurso no ato público em que se colocou a pedra fundamental do monumento a K. Liebknecht e Rosa Luxemburgo em Petrogrado

19 de julho de 1920

Comunicado à imprensa

Camaradas: em todos os países os dirigentes comunistas fazem sacrifícios inéditos, milhares deles morrem na Finlândia, Hungria e outros países. Mas não há perseguição capaz de deter o avanço do comunismo, e o heroísmo de lutadores como Karl Liebknecht e Rosa Luxem-



burgo nos incute valor e fé na vitória do comunismo. (O público recebe com entusiastas aclamações as palavras do camarada Lenin. Entoa-se "A Internacional")

A INTERNACIONAL

De pé ó vítimas da fome
De pé famélicos da terra
Da idéia a chama já consome
A crosta bruta que a soterra
Cortai o mal bem pelo fundo
De pé, de, pé, não mais senhores
Se nada somos em tal mundo
Sejamos tudo ó produtores
(refrão)

BEM UNIDOS FAÇAMOS
NESTA LUTA FINAL
UMA TERRA SEM AMOS
A INTERNACIONAL

Senhores, patrões, chefes supremos
Nada esperamos de nenhum
Sejamos nós que conquistemos
A terra mãe livre comum
Para não ter protestos vãos
Para sair deste antro estreito
Façamos nós com nossas mãos
Tudo o que a nós nos diz respeito
(refrão)

O crime do rico a lei o cobre
O Estado esmaga o oprimido

Não há direito para o pobre
Ao rico tudo é permitido
À opressão não mais sujeitos
Somos iguais todos os seres
Não mais deveres sem direitos
Não mais direitos sem deveres
(refrão)

Abomináveis na grandeza
Os reis da mina e da fornalha
Edificaram a riqueza
Sobre o suor de quem trabalha
Todo o produto de quem sua
A corja rica o recolheu
Queremos que ele o restitua
O povo quer só o que é seu
(refrão)

Nós fomos de fumo embriagados
Paz entre nós guerra aos senhores
Façamos greve de soldados
Somos irmãos trabalhadores
Se a raça vil cheia de galas
Nos quer a força canibais
Logo verá que nossas balas
São para os nossos generais
(refrão)

Pois somos do povo os ativos
Trabalhador forte e fecundo
Pertence a terra aos produtivos
ó parasita deixa o mundo
ó parasita que te nutres
Do nosso sangue a gotejar
Se nos faltarem os abutres
Não deixa o sol de fulgarar
(refrão)



Quem foi Rosa Luxemburgo

Rosa Luxemburgo viveu no período compreendido entre a proclamação da Comuna de Paris, em 1871, e um ano após a conquista do poder por Lenin na Rússia.

Figura de destaque da esquerda da II Internacional até 1914, quando se declarou fiel à linha internacionalista e combateu decididamente a política de guerra imperialista em seu próprio país (Alemanha). Juntamente com Liebknecht fundou a Liga Espartaco. Participou como dirigente na revolução alemã de novembro de 1918 e contribuiu na formação do PC alemão. Morreu assassinada pela polícia de Berlim. É autora de "A acumulação do capital", de "Reforma e Revolução etc.

(dados extraídos do Dicionário Político - Guilherme Lora)

Quem foi Karl Liebknecht

Nasceu em 1871 e morreu assassinado pela polícia de Berlim, no dia 15 de janeiro de 1919. Líder do movimento operário revolucionário alemão. Com Rosa Luxemburgo e F. Mehring, organizou a Liga Espartaco. A revolução de novembro de 1918 na Alemanha o libertou da prisão. Junto com Rosa Luxemburgo e Leo Jogiches, organizou o Partido Comunista Alemão. Como membro do comitê revolucionário, encabeçou o levante dos operários de Berlim, em 1919. O governo de Scheidemann o prendeu e foi assassinado pela polícia.

O que espera o POR (Bolívia) da reunião do Comitê de Enlace (IV Internacional)

Como vê o POR/Bolívia o panorama internacional. Necessidade de construir impostergavelmente o Partido Mundial da Revolução Socialista (IV Internacional)

O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional se reúne quando persiste a crise da esquerda e da IV Internacional. É isto o que nos obriga a precisar nossa concepção acerca do panorama internacional.

Vivemos em meio da crise econômica estrutural do capitalismo, do caráter mundial, ainda que esse fenômeno revele diferenças de agudização e de outras particularidades nos diferentes países. Sabemos que se trata de uma crise de superprodução, o que supõe a destruição das forças produtivas (paralisação de parte do aparato produtivo, aniquilamento das mercadorias). A crise econômica coloca a necessidade da revolução social e quando esta não se produz (é a situação atual) se converte em válvula de segurança do sistema social imperante, pois permite que se reanime a produção e se prepare uma nova crise, ainda mais grave que a atual.

Os planos econômicos (fundamentos e não inseparáveis da política) das metrópoles imperialistas e de outros países procuram superar a crise e seus efeitos desastrosos. Os esforços por reanimar a produção nos diferentes países terão efeito positivo se as forças produtivas já tenham sido aniquiladas na proporção necessária para impulsionar um novo florescimento econômico.

A tragédia do panorama mundial está em que não se dão as condições subjetivas para a revolução. As objetivas ou econômicas estão super-maduras para uma profunda mudança social, da grande propriedade privada burguesa pela social. O protagonista

desta tragédia é, precisamente, a IV Internacional.

A transcendência da reunião do Comitê de Enlace está precisamente no fato de que ocorre em a uma situação de urgência da revolução social, destinada a sepultar o capitalismo putrefato. Devemos ter consciência de que em grande medida somos responsáveis da quebra da direção revolucionária dos explorados e oprimidos. Não somos covardes e reconhecemos a responsabilidade que nos corresponde.

A crise mundial da esquerda e também do trotskismo. A experiência nos ensina que a maior debilidade organizativa está na ausência de partidos-programa nos diferentes países.

No marco da luta de classes e da desagregação do capitalismo a crise de direção revolucionária é, com toda precisão, a crise do trotskismo. Está ausente a IV Internacional como tal e é isto o que impede que a crise econômica capitalista estrutural se transforme em revolução social, finalidade estratégica do proletariado de todos os países.

Estamos seguros que o Programa de Transição da IV Internacional (sintetiza a experiência do movimento revolucionário mundial e as leis da revolução na época de decadência do capitalismo) constitui o embasamento fundamental do movimento revolucionário; porém, não tem conseguido penetrar nas massas, encarnar-se nelas e permitir que a IV Internacional se converta na direção política dos explorados e oprimidos.

Os trotskistas (internacionalistas por excelência) trabalham em favor da revolução mundial ao consumá-la em seus diferentes países, o que será possível unicamente se os marx-leninista-trotskistas chegam a conhecer

a realidade em que lutam e assim se prepararam para transformá-la radicalmente. Podemos afirmar que a crise da IV Internacional pode sintetizar-se na ausência de partidos-programas nos diferentes países. As leis gerais da revolução tem de ser concretizadas na realidade nacional.

Iniciar o debate acerca de um partido mundial, baseado no centralismo democrático no Programa de Transição e que seja o marco para a elaboração coletiva da linha política

Necessitamos marchar aceleradamente para converter-nos na direção das massas. Concretamente, o POR precisa um Partido Mundial baseado no centralismo democrático e no Programa de Transição, que se converta no marco que permita a elaboração coletiva (com ajuda da teoria e da experiência mundial do proletariado) da linha política que deve seguir-se nos diferentes países.

(Extraído de La Colmena- n°1356- dezembro/1995 - Guilherme Lora)



Reúne-se o Comitê de Enlace

Realizou-se no último dia 30/12/95 mais uma reunião do Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional. Presentes as seções da Argentina, Bolívia, Brasil e Chile. A reunião discutiu os informes das seções e a situação internacional, sacando uma série de resoluções. Reproduzimos abaixo os informes das seções:

Argentina: o governo Menem-Cavallo leva adiante os ajustes na política econômica ditada pelo imperialismo (Banco Mundial). Busca agora centralizar o poder de ditar os valores dos impostos, antes nas mãos do parlamento. O neoliberalismo já se encontra em avançado grau de aplicação na Argentina. Todos os direitos trabalhistas foram abolidos. A indústria nacional foi liquidada. O governo de Menem é o mais alinhado (submisso) ao governo norte-americano. Serviu como instrumento para o envio de armas à Bósnia enquanto o Congresso americano não aprovava o envio direto de armas aos bósnios. A situação social é grave. O desemprego atinge milhões. Os salários são reduzidos até nominalmente. Um dos setores mais afetados e que tem se levantado contra a política econômica do governo são os funcionários públicos, juntamente com os desempregados. Estes, sem nenhum apoio dos sindicatos ou da CGT, formam comitês de luta em vários locais e têm realizado manifestações de rua. Em Neuquén, o Comitê de desempregados realizou uma importante jornada de lutas, que foi duramente reprimida pelo governo. Ali, o comitê é dirigido por uma frente de esquerda, POR, PO, PST, MAS, MST entre outros. O governo tem apontado um cro. do POR, Juan Yanes, chileno sob ameaça de expulsão, como autor intelectual das ações de massa. Em função do papel desempenhado em Neuquén, o POR ganhou projeção. As correntes de esquerda mostram-se em franco retrocesso. A dissolução do MAS em vários pequenos grupos, e sua redução para poucas dezenas de militantes, é o maior exemplo disso. Mas as ou-

tras correntes estão em situação semelhante. Os cros. avaliam que, com a dissolução do MAS, abre-se o caminho para a construção de uma referência classista e revolucionária para as massas, que só pode ser preenchida pelo POR. Informam que realizaram seu Congresso, que avaliou que houve um problema nas críticas levadas no jornal ao governo Menem/Cavallo, deixando de mostrar que trata-se de um governo peronista, que isso é o peronismo hoje, totalmente submisso ao imperialismo. Informa também que, por maioria, mantiveram a aprovação do estatuto do Comitê de Enlace por disciplina, e proporão no Congresso Internacional a modificação do mesmo, incorporando literalmente o estatuto da III Internacional. O Comitê de Enlace recomenda que a seção mostre que o atual governo é a negação do nacionalismo pregado por Perón, e ao mesmo tempo é sua consequência natural, pois o nacionalismo burguês só pode concluir como pró-imperialista. E que avance na elaboração programática e no trabalho de propaganda, porque a vitória de um grupo se dá no campo ideológico. Se pretendem construir o partido revolucionário, é necessário vencer a burguesia ideologicamente, respondendo aos problemas que ela é incapaz de solucionar.

Bolívia: Prosseguem os conflitos sociais, mesmo durante os feriados. A marcha das cocaleiras de vários pontos do país rumo à La Paz se juntará com as greves anunciadas de funcionários da Saúde e dos choferes, contra o aumento de combustíveis. As massas vêm no governo o culpado por todos os males do país. Novo ascenso de lutas se aproxima, indicando um aprofundamento da situação revolucionária. O governo se prepara agora para reprimir o movimento, especialmente a direção revolucionária, o POR. O chefe das Forças Armadas não foi substituído, mas mantido por sua experiência repressiva. Trata-se do POR colocar-se à altura dos acontecimentos, para que o desenlace da situação seja favorável à insurreição das massas e não à contrarrevolução. Depende de sua militância se meter junto às massas, dar respostas ao movimento, projetar cada luta no sentido da luta antigovernamental e anticapitalista, elevar-se organizativamente para ser capaz de, baseado no ascenso revolucionário, tornar-se direção física, real, das massas e orientar suas lutas rumo à tomada do poder. Ao Comitê de Enlace, cabe trabalhar incessantemente, e com planejamento e organização, em favor da luta revolucionária na Bolívia. Isso implica num trabalho de campanha política e financeira, com os materiais do POR e do Comitê de Enlace. A militância precisa estar treinada para isso. Recomenda-se uma jornada de estudos das seções sobre a Bolívia, para armar politicamente a militância. É preciso aumentar a vendagem das Obras Completas e do Masas, além dos outros materiais do POR. A campanha que as correntes de esquerda desenvolvem contra o POR é fruto do crescimento da importância do trotskismo na situação

boliviana e sua projeção internacional. Antes, as direções dos revisionistas procuravam esconder os materiais do POR da militância despolitizada, aumentando o isolamento do POR. Na atual situação, buscam atacar de todas as formas possíveis para evitar perder a militância descontente com o aburguesamento político e organizativo de suas organizações. Sem desejá-lo, acabam fazendo propaganda do POR, porque despertam curiosidade sobre ele. O Comitê de Enlace avalia que o Tribunal Moral montado pelos altamiristas com apoio dos morenistas foi uma manobra mal-sucedida. O POR é um partido leninista, que trabalha conspirativamente, por isso combina trabalho legal e ilegal. Registra em seus estatutos que a delação e o roubo só podem ser punidos com a expulsão sem apelação. Foi o caso de Juan Pablo Bacherer, que abriu trabalho clandestino e por isso foi expulso. O Tribunal Moral é uma manobra dos altamiristas para inocentar o delator e incorporá-lo às suas fileiras (o que antecipadamente já o fez). As seções devem responder aos ataques e fazer campanha ao redor das posições do POR, o que pode lhes fortalecer e ao próprio POR.

Chile: acabada a ditadura, mantém-se em pé todo o aparato repressivo. A ditadura de Pinochet utilizou-se da repressão mais terrível para aplicar o neoliberalismo, que destruiu a economia do país. Hoje o Chile vive da agricultura e extrativismo. O governo não se assenta em uma burguesia fracionada, mas totalmente submissa ao imperialismo. Não há oposição interna à integração do país ao Nafta. Há um início de ascenso dos movimentos, que têm mudado as direções das organizações de massa elegendo os estalinistas. Mesmo assim, os movimentos enfrentam dura repressão. Qualquer panfletagem em porta de fábrica é respondida com a ação policial. O C.E. recomenda a efetivação do jornal, ainda que bimestral ou mensal e com produção artesanal. A regularidade do jornal é instrumento indispensável para a organização partidária e para a construção das bases programáticas. A seção também deve estudar a história das correntes de esquerda do país, em especial o trotskismo, e fazer a crítica.

Internacional:

1) A próxima reunião do C.E. deve preparar a realização do Congresso Internacional. Será nos dias 5 e 6 de abril.

2) Bósnia: considera-se o artigo publicado na revista contendo os princípios que norteiam a intervenção revolucionária. Trata-se de aplicar o leninismo à questão, e combater os desvios das correntes, que fazem bloco com uma ou outra fração e negam a autodeterminação.

3) Estados operários: há um avanço restauracionista do capitalismo e da crise impressionantes. Porém, não há ainda mudança qualitativa, em função de não haver se formado ainda burguesias que possam reconstruir os Estados burgueses. A caracterização de estados operários em processo de restauração capitalista é precisa.



Comitê de Enlace: Acordos da Reunião de 30/12/95

Depois dos informes e discussões sobre as seções argentina, brasileira, boliviana e chilena foram definidas as seguintes recomendações:

Argentina:

1. Sugere-se que da etapa em que vive a organização na Argentina surge a urgência de derrotar ideologicamente à classe dominante e aos partidos de "esquerda" reformista. Até agora não houve direção revolucionária, mas sim o vazio coberto pelo morenismo ou outras correntes.

2. Valeria a pena explicar que Menen é a negação do peronismo, mas fruto dos germes desta corrente da primeira época que queria fazer o milagre de libertar à Argentina sob o capitalismo.

3. O problema dos impostos é econômico, os operários não podem impedir diretamente sua elevação. Devem para isto colocar a escala móvel de salário e a escala móvel de horas de trabalho.

4. Necessita-se adaptar as publicações (jornal etc.) ao nível que se tem a organização e da mesma forma com a restante das tarefas.

Bolívia:

1. Todas as seções devem planificar a difusão dos materiais do partido, seguir com atenção os acontecimentos da Bolívia, respondendo permanentemente à campanha contrária de nossos inimigos e contribuir com uma campanha econômica.

2. O lapso das reuniões do Comitê de Enlace deverá ocorrer pelo menos a cada 2 meses e meio.

3. Temos que agilizar a comunicação interna para estar a par das novidades do processo boliviano.

Brasil:

1. É imperiosa a necessidade da formação de revolucionários profissionais em curto tempo. É necessário um grupo de organizadores bem treinados que receberão uma educação especial para converter-se em quadros.

2. Recomenda-se estudar e difundir melhor os materiais próprios e do partido boliviano.

3. Discutir, da mesma forma que nas outras seções, a proposta de realizar uma escola internacional intensiva de uma semana de duração sobre o POR boliviano com elementos selecionados.

Chile:

1. Existe a necessidade de se criar um núcleo central que se

politize e logo se reproduza formando novas células bolcheviques.

2. Discutir a maneira de garantir um jornal econômico que seja regular, de acordo com as possibilidades da organização.

Resolução Sobre o "Tribunal Moral"

O "tribunal moral", formado pelos inimigos do POR boliviano, manobra que teria como fundamento limpar a culpa do delator, não teve resultado. Devemos esclarecer que foi uma Conferência, e não Lora, que expulsou o delator e que não houve outros expulsos por este delito. O único propósito do automoneado "tribunal moral" foi limpar a culpa do delator para incorporá-lo nas fileiras do altamirismo reformista.

Insistimos que o POR é um partido bolchevique, de trabalho legal e ilegal e que os delitos de roubo ou delação não têm apelação às instâncias superiores.

Internacional

1. Devemos aprofundar (principalmente por escrito) sobre a situação dos Estados Operários em seu processo de restauração capitalista. Adiantamos que os últimos dados mostram que na URSS se estão potenciando os stalinistas (pela ausência de uma direção revolucionária). Sua vitória se dá contra as reformas capitalistas. Temos de insistir que o capitalismo está em um processo de desintegração cada vez maior e não pode rejuvenescer-se em nenhuma parte do mundo. Por isto estão dadas as condições para a revolução proletária

2. Repetimos que no caso da Iugoslávia devemos defender a autodeterminação de todas as nações, mas nos opomos a que qualquer dessas nações se converta em instrumentos do imperialismo através das Nações Unidas. Não se pode aceitar que a luta pela autodeterminação leve à opressão de outra nação.

Sobre a Campanha em Favor do POR Boliviano

O Comitê de Enlace tira uma campanha em todas as seções a partir de 15 de janeiro chamando a atenção sobre o problema boliviano com um lugar preferencial em todas as publicações

Internacional



México é saqueado pelo imperialismo

Há algum tempo atrás, o México era tido como o modelo perfeito de aplicação do neoliberalismo em um país semicolonial. Os meios de comunicação burgueses não cansavam de mostrar o aumento de investimentos estrangeiros e a estabilidade mexicana como exemplo para toda América Latina. O imperialismo norte-americano através do Plano Brand e do NAFTA, era pintado como o incentivador do desenvolvimento mexicano.

Hoje, após o vendaval neoliberal, o México apresenta-se como uma nação arrasada, pelo imperialismo e pela vigência do capitalismo atrasado. O investimento estrangeiro em dezembro de 1995 foi menor em 49,6% do que o do mesmo mês em 1994, simultaneamente a alta de juros chegou a 82% ao ano e a taxa de inflação a 52%. Enquanto isso, houve uma retração nos setores da construção civil, indústria de extração mineral, telecomunicações, serviços e transportes. No entanto, a dívida externa cresceu, em 1995, 12,7%, chegando a 152,7 bilhões de dólares, a maior da América Latina.

Tal situação, reflete os efeitos do saque

imperialista, ou seja, a transferência de riquezas do México para as metrópoles e a decadência geral do modo de produção capitalista. Assim, sob esse modo de produção, para os operários, camponeses e classe média arruinada, restam apenas miséria, desemprego, superexploração, concentração fundiária e opressão política.

Diante desse quadro desolador, destaca-se a incapacidade política da esquerda mexicana. O EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional) apoiou o candidato pró-imperialista Cárdenas nas eleições presidenciais, acenando, hoje, com a possibilidade de abandonar as armas para se transformar num movimento político eleitoral. O Partido Operário Socialista-Zapatista (POS-Z, organização morenista, como o PSTU), puxou um "governo do EZLN e das organizações operárias, camponesas e populares", isto é, um governo dos que buscam democratizar o Estado burguês mexicano, apoiando candidaturas burguesas e pregando a "conciliação nacional". Por outro lado, o Grupo Esparquista do México (GEM), seita pseudo-

trotskista, ao negarem a tática de Frente Revolucionária Antiimperialista (FRA), transforma, nas condições políticas específicas desse país, posições corretas de voto nulo e de governo operário e camponês em fraseologia sectária.

Somente a construção do Partido Operário Revolucionário, seção do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional, pode levar a maioria nacional oprimida mexicana, através da combinação da luta anti-imperialista e anticapitalista, à revolução e ditadura proletárias, libertando o México da opressão nacional e do capitalismo atrasado.

A crise mundial mostra a necessidade de construir o Partido Mundial da Revolução Socialista

O capitalismo, na sua etapa imperialista, tem arrastado uma grande parcela das massas mundiais para uma situação de miséria e fome. Nos Estados Unidos, um dos países mais poderosos, a crise põe às claras a violência e as mais bárbaras contradições sociais. A metrópole imperialista americana convive com o crescimento acelerado da concentração de riquezas nas mãos de uma pequeníssima minoria burguesa e o empobrecimento crescente das massas. O fato de a renda dos 1% dos mais ricos aumentar 53% nos últimos anos comprova a concentração de riqueza e miséria no mais avançado país capitalista. Por outro lado, a existência de mais de 13 milhões de trabalhadores desempregados ou subempregados, o fato de mais de 4 milhões de trabalhadores receberem pouco mais de 5 dólares por hora e mais de um milhão de assalariados só receberem o salário mínimo (4,25 dólares por hora) também mostram a enorme exploração do trabalho. Sem dizer que 20% de todos os empregos disponíveis no mercado de trabalho são temporários. Um exemplo é o da Manpower Inc., uma agência de trabalho temporário, que hoje tem mais funcionários que a General Motors. Esse é um pequeno retrato de um país que no início do século se despontou como a maior potência mundial e em pouco tempo vêm sendo tomado pelo desemprego de milhões e miséria.

A crise econômica, que tomou um caráter de crise social, necessariamente levará à radicalização das massas norte-americanas. A classe operária tem partido para as greves, como forma de resistir ao arrocho salarial e ao desemprego. A Caterpillar, maior fabricante de equipamentos de construção do mundo, esteve 17 meses em greve. As greves norte-americanas têm sido quebradas pela ação da burocracia sindical. O exemplo da ação de desmonte das greves feita pela AFL-CIO, a Central

norte-americana, que suspendeu a greve por decisão de sua camarilha, evidenciam os obstáculos que a classe operária norte-americana terá de vencer para impulsionar verdadeiramente suas lutas.

A situação dos Estados Unidos não é particular. Esta se reproduz com a mesma intensidade nos países imperialistas europeus. Na Alemanha, considerada a maior potência européia, as condições são semelhantes às dos Estados Unidos. As contradições sociais se afloram diante da redução de crescimento econômico. Com uma taxa de desemprego superior aos 10%, calculado pelos sindicatos em 6 milhões de desempregados e uma tendência ao crescimento, os problemas sociais se avolumam. Eis aí porque cresce a marginalidade, os grupos neonazistas e toda sorte de putrefação própria de sua sistema de exploração do trabalho que se desagrega. A França não fica atrás. O fato desse país prever mais de 170 mil novos desempregados, somente em 1996 e o fim de antigas conquistas sociais determinaram a resistência do conjunto dos trabalhadores, que se expressou na longa greve geral, ocorrida no final do ano passado.

O Japão se encontra próximo à estagnação econômica. O colapso bancário mostra a profunda crise financeira, que tem projetado em crise política. Direcionar recursos para salvar os setores afetados pela crise e impor reformas tem provocado o choque entre as frações do capital. Porém, toda essa avalanche vem sendo descarregada sobre as massas trabalhadoras. Isso tencionará o conjunto dos oprimidos japoneses, que necessariamente terão de ir à luta.

As grandes contradições sociais se expandem mundialmente. Uma das manifestações mais contundentes da crise geral do capitalismo é o avanço mundial do desemprego. O capitalismo vai se decompondo em meio ao agravamento das desigualdades econômicas e sociais e a profunda corrupção da classe dominante. As saídas da burguesia imperialista sob o nome de "globalização" do mercado resulta no aumento do saque dos países de economia atrasada (semicoloniais) e na ofensiva para se destruir as conquistas revolucionárias da classe operária, restaurando as relações capitalistas de produção, a exemplo da ex-União Soviética. Os tão famosos blocos econômicos se mostraram protecionistas e incapazes de dar qualquer solução de mercado. Em realidade, evidenciaram a crise de superprodução e a guerra comercial interimperialista.

A verdadeira saída apresentada pela burguesia imperialista para a crise de superprodução é a da destruição de forças produtivas. Ou seja, a via da barbárie, do fechamento de milhões de postos de trabalho, da recessão e mesmo da queima de riquezas produzidas através dos inúmeros conflitos bélicos, que pontilham por vários cantos do mundo.

Isso obriga o proletariado e demais oprimidos a dar respostas contrárias à

barbárie capitalista. O levante grevista na França indicou o caminho a ser tomado pelas massas mundiais. Tal luta não foi um acontecimento isolado, mas um elo da cadeia de combates, a exemplo do movimento revolucionário na Bolívia, que se manifesta através de constantes choques contra a burguesia. O avanço da desintegração do capitalismo de um lado e a disposição de luta dos trabalhadores do outro ressaltam o grande problema de crise de direção política. Ou seja, a falta dos partidos revolucionários, organizados internacionalmente como Partido Mundial da Revolução Socialista (IV Internacional).

As massas estão sob o controle da burocracia sindical aburguesada, corrompida e traidora. A influência mundial da AFL-CIO norte-americana e outras organizações correlatas europeias, como a CIOSL, que são Centrais sindicais submetidas ao capital monopolista e imperialista é uma muralha para que as massas se manifestem livremente e com toda sua força social contra a política burguesa de destruição de forças produtivas. As direções sindicais pró-capitalistas e pró-imperialistas têm apoiado abertamente as medidas contrárias aos mais elementares interesses de sobrevivência dos assalariados. A exemplo da redução dos salários, da quebra da Previdência estatal, da "flexibilização" da jornada de trabalho, que quer dizer aumentar a produtividade ganhando menos. Eis porque estão empenhadas a quebrar os ímpetus grevistas, por todo quanto é país.

No Brasil, a crise se manifesta também com toda contundência e mostra a nefasta política da burocracia sindical traidora. Tais direções que dominam a CUT e Força Sindical são braços do sindicalismo pró-capitalista da AFL-CIO e CIOSL. Essa situação nos mostra a necessidade de combater frontalmente a política pró-capitalista das direções que dominam o movimento operário.

Os trabalhadores mais avançados têm a tarefa de defender a fundo as reivindicações das massas, desenvolver o método da ação direta e colocar abertamente para os oprimidos a estratégia da revolução proletária. Todo esforço de mobilização pelas reivindicações elementares (econômicas) deve estar direcionado para a luta política contra a burguesia e seu Estado. A destruição do capitalismo e a edificação do socialismo são a única possibilidade de pôr fim à barbárie do sistema social de exploração do trabalho. A construção do Partido Operário Revolucionário, como parte da luta pela IV Internacional, é um instrumento histórico para solucionar a crise de direção, sem o que a barbárie triunfará.

Proletários de todo o mundo, uní-vos em torno da construção do Partido Mundial da Revolução Socialista!

